

PENSAMENTO E VIDA DE MONS. NEY AFFONSO DE SÁ EARP¹

por Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz.



**MONSENHOR
NEY AFFONSO
DE SÁ EARP.**

Ney Affonso de Sá Earp foi o filho primogênito do casal Néelson de Sá Earp e Amélia Maria Costa de Sá Earp. Nasceu no dia 17 de dezembro de 1935 em Petrópolis. O casal teve, ao todo, sete filhos: quatro homens e três mulheres. São eles, por ordem de nascimento: Ney Affonso, Arthur Leonardo, Maria Cecília, Maria Angélica, Antônio Carlos, Pedro Paulo e Maria Gabriela. Sr. Arthur é dois anos mais novo que Mons. Ney.

Os pais tinham uma profunda formação religiosa. Pertenciam à Ordem Terceira Franciscana. O pai, médico cirurgião e clínico geral, fazia retiros com Pe. Cerruti, na Gávea. O ambiente familiar foi decisivo para o desabrochar da vocação sacerdotal do primeiro filho.

Ney Affonso fez o curso primário no Colégio Dona Hilda Madura, um colégio tradicional de Petrópolis. O curso ginasial seria feito no Colégio São Vicente de Paulo, dos cônegos premonstratenses. No intervalo entre um curso e outro, ocorreu um acidente que marcou sua vida. Foi no dia 16 de dezembro de 1946. No dia seguinte, Ney iria completar onze anos. A Segunda Guerra Mundial havia terminado a pouco tempo. Muito inteligente, pesquisador e engenhoso, Ney entusiasmou-se com a idéia de construir explosivos com seus amigos. Tendo aprendido a fórmula da pólvora, resolveu com seu irmão Arthur construir um canhão. O excesso de pólvora colocado num cano pouco resistente causou uma grande explosão na garagem da casa da avó. Um dos meninos participantes da experiência, Danilo Falcone, morreu três dias depois. Outro sobreviveu. Arthur foi ferido. Ney sofreu uma fissura no osso frontal e teve que fazer um implante ósseo e muscular. Um dos olhos ficou deficiente pelo resto da vida. Cinquenta anos depois do acidente, Sr. Arthur Leonardo publicou na *Tribuna de Petrópolis* um artigo que conta detalhes do acontecimento²:

¹ Exposição feita por Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz no sábado, 14 de dezembro de 2002, às 9h 50min, durante a reunião da Academia de Ciências Políticas e Sociais da “Associação Oikos - Escola Superior de Paz para Promoção da Vida”, realizada nas instalações da Faculdade de Filosofia São Miguel Arcanjo (FAFISMA), Anápolis, GO.

² SÁ EARP, Arthur Leonardo. *Uma tragédia – cinquenta anos. Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 15 dez. 1996.

UMA TRAGÉDIA – 50 ANOS

Arthur Leonardo de Sá Earp

Foi a 16 de dezembro de 1946, por volta das dezenove horas, perto do jantar. Dos mais velhos sou o remanescente e quero lembrar o fato para render tributo à dor de muitos e à lembrança dos que já se foram. A explosão foi forte. Tenho nos ouvidos apenas o silvo altíssimo e inesperado. Houve desequilíbrio entre a quantidade de pólvora e a resistência do material do cano. O canhão foi pelos ares. Danilo Falconi faleceu, depois de horas de esforço para salvar-lhe a vida. Ney, em gravíssimo estado, escapou e chegou à idade de 59 anos, com grande mérito de serviço ao próximo na carreira sacerdotal que abraçou. Dos dois filhos de Zélia, cozinheira da casa dos avós Arthur e Arabella, um sofreu ferimentos no rosto e o outro saiu ileso, protegido pelo corpo de Ney, que lhe caiu por cima. Tenho ambos na memória, mas perdi contato no correr da vida. Este era o grupo central de uma turma de garotos que, por inspiração e liderança do inteligentíssimo Ney, estudava os ensinamentos da física e da química e fazia experiências que encheram de fumaça a então tranquila Rua 16 de Março e outros barrancos usados para as explosões. O bando se compunha de dois gêneros de participantes: os intelectuais e os acompanhantes brincalhões. Eu integrava o número destes. O fato aconteceu na garagem da casa da vovó Arabella, (vovó Sá Earp havia falecido em 1941), na Rua Marechal Deodoro, 73 (hoje Edifício Arthur de Sá Earp Filho, onde está o Banespa), no fundo do terreno, à direita, na divisa com as terras do Colégio Santa Isabel. O canhão estava dentro da garagem, voltado para a porta, apontando para os lados da Vila Macedo. O projétil era um pedaço de cabo de vassoura introduzido à força no tubo que surrupiáramos da obra que se fazia na nossa casa da Av. D. Pedro I e que preparáramos para ser o cano do canhão. Na extremidade inferior do tubo fizéramos soldar uma tampa, na Casa Cruzeiro. Com a explosão esta peça lesionou o joelho do Ney, seu ferimento mais leve, e dali foi cirurgicamente extraída. O tubo atravessava uma tábua que era sustentada por duas rodas. Tal armação fora preparada com os jovens da família Papais, nas instalações de sua casa de móveis, onde hoje se ergue o Edifício Arabella. A pólvora resultou dos ingredientes manipulados por Ney. Eles tinham sido adquiridos disfarçadamente, ou seja, por pessoas diferentes e em três lugares distintos. Salvo engano, coube-me comprar salitre na Farmácia Santo Antonio! Ou enxofre? Mamãe estava no Hospital Santa Teresa, onde no dia 10 anterior dera à luz o sexto filho, Pedro Paulo. Nos difíceis momentos atuais, não quero mencionar outras recordações. Peço a Deus por aqueles que sofreram a angústia dos primeiros efeitos da tragédia e da necessidade de socorrer os feridos. Lembro-me deles todos. Agradeço ao Pai celeste os cuidados da D. Ilda Maduro, nossa professora e diretora da escola em que aprendemos tudo. Ela conseguiu que Ney lhe desse a fórmula que ele obtivera de TNT (era o explosivo mais potente da época), com a promessa de não a usar. O período de vida era o de após-guerra, com todas as influências dos conflitos e dos testes dos instrumentos mais poderosos para vencer os adversários. Depois de TNT, só a bomba atômica! Ney não chegou a tanto, graças à D. Hilda! Nossas orações

pela família Falconi, estimada e mais próxima de nós pela desgraça maior da perda do Danilo; pelos nossos pais e pelos nossos familiares envolvidos; por Zélia, seus familiares e nossos companheiros de brinquedo, perdidos no correr do tempo mas não no respeito e na lembrança daquilo que aconteceu há meio século! Haverá uma missa por Danilo e Ney. E por todos os outros que estas duas queridas pessoas representam, sintetizam e evocam, quando se rememora o que ocorreu no anoitecer de 16 de dezembro de 1946.

A cirurgia fez com que Ney tivesse que usar uma toca de gesso. O futebol, de que ele tanto gostava, passou a ser proibido. Foi então que ele teve a idéia de dedicar-se a outro esporte: a corrida. Queria ser velocista, correr o mais rápido possível. A incapacidade de jogar futebol não o converteu em um frustrado. Logo ele descobriu uma nova forma de se lançar às conquistas. Isso ocorreu já no Colégio São Vicente, durante o curso ginasial. E foi no segundo ou terceiro ano do curso ginasial, em 1949, que Ney resolveu ingressar no Seminário São José, onde ficou até 1953.

Seu irmão Arthur, que também foi companheiro de seminário (embora depois tenha saído e se casado) perguntou-lhe: "Você nunca teve dúvida sobre sua vocação?"; Ney respondeu: "Jamais. Não tive questionamento algum. No dia em que eu resolvi, resolvi". Tal determinação causou admiração no irmão.

Terminado o seminário menor, Ney foi enviado a Roma para estudar na *Pontifícia Universidade Gregoriana*, hospedando-se no *Pontifício Colégio Pio-Brasileiro*. Ao fim do curso de Filosofia, prestou o exame "De universa". Foi aprovado com "Suma cum laude" e ganhou uma medalha por sua primeira colocação.

Sobre o curso de Teologia do jovem Ney, assim relata Dom João Evangelista Martins Terra, atual Bispo Auxiliar de Brasília:

Monsenhor Sá Earp e eu chegamos a Roma nos fins de 1957. Ele para iniciar seu curso de teologia na Universidade Gregoriana. Eu destinado a diretor de Estudos no Pontifício Colégio Pio Brasileiro. Minha função era ser "repetidor", isto é, orientador e dirigir, cada tarde, um círculo de estudos e revisão das aulas de teologia dadas naquele dia na Gregoriana. Para mim era uma tarefa fascinante. Cada manhã eu assistia às aulas dadas nas quatro séries da faculdade de teologia. As "repetições" se concentravam na teologia fundamental e teologia dogmática. Os "círculos" eram feitos em latim e seguiam sempre o mesmo esquema: um aluno expunha a "tese" e outros dois argüíam sob a orientação do "repetidor". Todos os demais alunos deviam assistir e apresentar suas dúvidas e questionamentos. Evidentemente a participação dos estudantes era muito diversificada. Naqueles anos a estrela da Gregoriana era o Pe. B. Lonergan que juntamente com outros grandes pensadores jesuítas, K. Rahner, J.B. Lotz, A. Marc, E. Coreth, eram considerados os renovadores do tomismo inspirado pela reflexão metafísica da filosofia transcendental. O

método transcendental iniciado pelo filósofo jesuíta belga J. Maréchal provocou verdadeira revolução ou renovação na teologia escolástica. Karl Rahner explodiu como uma estrela de primeira grandeza na década do concílio Vaticano II. Menos espetacular do que Rahner, mas talvez mais profundamente metafísica e orgânica, foi a liderança do canadense-americano B. Lonergan. Seus dois livros publicados nessa época “Method in Theology” e “Insight” polarizaram as atenções das elites teológicas no hemisfério norte.

Na Gregoriana, Lonergan, professor de Cristologia e do tratado sobre a Santíssima Trindade, tornou-se um sinal de contradição. Por um lado era adorado pelas inteligências mais brilhantes, por outro lado era detestado pela arraia miúda. O jovem seminarista Ney Sá Earp ficou logo seduzido pelo fascínio do professor Lonergan que, além da grande capacidade intelectual, tinha um saber enciclopédico, discorrendo com igual facilidade pelos campos da física moderna e da filosofia contemporânea, medieval e grega.

Infelizmente a didática de Lonergan era inadequada para um curso seminarístico. Ele era um pesquisador e não um professor. No seu curso sobre Jesus Cristo passou um semestre inteiro especulando sobre o mistério da união hipostática, ou sobre a essência da personalidade divina do homem Jesus de Nazaré. Os eleitos deliravam, os demais boiavam. Nos nossos círculos de repetições, os questionamentos trovejavam. Nessas horas, eu dava graças pelas intervenções tranqüilas e mansas do seminarista franzino e humilde, Ney Sá Earp. Quando ele falava os demais silenciavam. Uma luz brilhava na escuridão.

Ney concluiu o curso de Teologia em 1960, ano em que se ordenou a 3 de julho. Sr. Arthur não se recorda da basílica onde foi celebrada a cerimônia: se foi a de São João de Latrão ou a de Santa Maria Maior. Mas ele esteve presente, representando o pai, que, ocupando o cargo de prefeito de Petrópolis, não pôde viajar por compromissos políticos.

O recém ordenado Padre Ney Affonso de Sá Earp não voltou logo ao Brasil. Permaneceu em Roma para fazer novos estudos. Sobre isso, fala-nos Dom João Evangelista Martins Terra³.

No término do curso, ao colar brilhantemente o grau de licenciatura na Gregoriana, o Pe. Ney encetou seu doutorado em teologia sob a orientação do seu idolatrado mestre B. Lonergan. O tema escolhido não poderia ser mais ambicioso: “a filosofia de Lonergan”. O mestre ficou admirado, mas aceitou o desafio de seu franzino admirador.

Com admirável esforço de trabalho, Ney concentrou-se na sua pesquisa. O inglês de Lonergan não prima pela clareza. O pensamento fica encapsulado em milhares de neologismo. Somente a disciplina ascética alimentada pelo fogo de sua santidade rara impediam o jovem pesquisador de arrear caminho.

No fim de cada mês, Ney levava um capítulo ao seu diretor. O Pe. Lonergan perguntava: que é Isso? É um capítulo da minha tese. Que tese? Sobre a filosofia do Pe.

³ Carta escrita em 13 dez. 2002, a mim enviada por correio eletrônico.

Lonergan! Ah, muito bom. Então escreve o capítulo seguinte! Esse diálogo repetiu-se dez vezes durante o ano. No fim do ano, Ney levou o último capítulo. Repete-se o diálogo. Foi somente então que Lonergan se deu ao trabalho de tomar conhecimento da tese.

Começou pelo primeiro capítulo e com um lápis vermelho foi riscando em diagonal todas as páginas. Depois disse: “Tudo isso é muito interessante, mas eu não me reconheço nesses escritos. Isso não é minha filosofia. Comece de novo!” Como Paulo, no caminho de Damasco, Pe. Ney caiu do cavalo: Foi um impacto doloroso. “Já fiquei sete anos em Roma, disse ele, meu bispo não permitirá que eu fique aqui mais tempo. Tenho que dar meu lugar para outros seminaristas”.

No dia 31 de março de 1964 Pe. Ney e eu regressamos ao Brasil pelo navio Giulio Cesare. Ney trazia um caminhão de livros. O embaixador do Brasil junto à Santa Sé o acompanhou até o porto de Nápolis. A presença do embaixador abriu todas as portas. A tonelada de livros foi embarcada sem problema. Pe. Ney e eu viajamos ao porto de Gênova, o jornal de bordo dava a gritante notícia: “revolução no Brasil – Golpe Militar”. Pe. Ney comentou: “Nossa chegada ao Rio de Janeiro vai ser atrasada. Certamente ficaremos de quarentena na Baía de Guanabara”. Quando chegamos no porto de Barcelona o jornal de bordo noticiava: “Terminou a revolução no Brasil”. Era o dia primeiro de abril de 1964. Durante os dez dias de convivência na mesma cabina admirei a tranqüilidade do Pe. Ney. Não manifestou nenhuma desilusão pelo fracasso de sua tese. Nossa conversa nunca desceu terra a terra; librava-se nos píncaros da teologia.

Segundo Sr. Arthur Leonardo, Pe. Ney Sá Earp celebrou sua primeira Missa cantada na Catedral de Petrópolis em 19 de abril de 1964. Segundo a revista Ação, Pe. Ney “em 1971 retornou a Roma e a Toronto (no Canadá) para completar sua tese doutoral, laureando-se brilhantemente em 1974”⁴. Prossegue a narrativa de Dom Terra:

Dez anos depois Pe. Ney e eu regressávamos novamente a Roma. Pe. Ney estava disposto a refazer sua tese. Pe. Lonergan já não lecionava mais na Gregoriana. Um jovem professor jesuíta americano Pe. Hallet, aceitou dirigir a tese sobre a filosofia do Pe. Lonergan. Pe. Ney viajou para o Canadá, creio que Toronto, onde vivia o Pe. Lonergan e passou um semestre com ele, aperfeiçoando seu inglês e resolvendo suas dúvidas com o velho mestre. Escreveu sua tese em inglês e fez uma brilhante defesa obtendo louvor do Pe. Hallet. Pena que não tentou publicar sua tese doutoral em inglês, nem mesmo fazer uma tradução em português.

A tese foi aprovada em 28 de junho de 1974 pelo Pe. Garth Hallet e pelo Pe. Salvino Biolo (ambos jesuítas), da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana. Seu título era “*Love and Transcendental Knowledge: a critical study fo chapter XIX of Insight in the Light of Lonergan’s Later Ideas about Love and Natural Theology*” (Amor e Conhecimento Transcendental: um estudo crítico

⁴ SÁ EARP, NEY AFFONSO DE. *Ação*. Petrópolis. Diocese de Petrópolis, ano 46, n. 525, p. 16, out. 1995.

do capítulo XIX de *Insight* à luz das posteriores idéias de Lonergan sobre o amor e a teologia natural). Um excerto de 74 páginas foi publicado em 1983⁵. No entanto, a tese completa, que segundo Dom Terra, tinha mais de trezentas páginas, parece não ter sido publicada. Sobre a personalidade de Mons. Ney, prossegue a narrativa do Bispo:

Pe. Ney tinha uma consciência muito delicada, o que era para ele fonte de muito sofrimento. A título de exemplo quero citar apenas um fato: Pe. Ney tinha conseguido reunir um invejável acervo de manuscritos e apostilas não publicadas escritas pelo Pe. Lonergan. Tive chance de ler algumas dessas apostilhas. Fiquei encantado com um estudo de Lonergan, [com]⁶ comparando a metafísica de Santo Tomás e a filosofia de Kant e de Hegel. Apreciei muito esse escrito lonerganiano e pedi ao Pe. Ney para fotocopiá-lo. Pe. Ney, com grande delicadeza, e com aquela suavidade de modos toda sua, não me permitiu xerocar, dizendo que achava não poder divulgar um manuscrito de Lonergan ainda não publicado. Percebi claramente que Pe. Ney receava que aquele estudo, demasiadamente original pudesse ser ocasião de alguma perplexidade na minha interpretação de Santo Tomás. Senti, não compreendi, mas respeitei-lhe a delicadeza de consciência. Mais um exemplo: uma vez fiz, aos teólogos do Pio Brasileiro, uma conferência comparando a teologia do Concílio de Trento com a do Vaticano II sobre o sacerdócio ministerial. Punha em evidência duas diferentes impositões, a de Trento insistindo sobre o aspecto sacramental e a do Vaticano II salientando o aspecto profético do sacerdócio. Meu estudo mostrava a complementaridade entre a Palavra e o Sacramento no Sacerdócio presbiteral. Pe. Ney vislumbrou, no meu estudo, algum exagero pouco ortodoxo. Com grande delicadeza comentou o fato com o Cardeal Eugênio, que naqueles dias se encontrava no Colégio. O Cardeal relatou o ocorrido ao reitor do Colégio, Pe. Laufer, o qual, por sua vez, com aquele excesso de gentileza que todos nós conhecemos, me disse que tinha lido meu estudo e tinha apreciado, mas me aconselhava a não publicá-lo. De fato esperei uns vinte anos antes de publicá-lo bastante reformulado.

Pela vida afora conservei sempre profunda admiração pela absoluta fidelidade à doutrina da Igreja que Pe. Ney amava entranhadamente e à qual consagrou, num holocausto perene, a assombrosa capacidade de sua inteligência angélica.

Que fez Pe. Ney após sua ordenação sacerdotal?

Em Petrópolis assumiu a paróquia de Bemposta (por pouco tempo) e lecionou no Seminário Diocesano de Correias e na Universidade Católica. Foi também Secretário Diocesano de Pastoral Familiar. Por alguns anos serviu à Arquidiocese do Rio de Janeiro, com a qual continuou a colaborar mesmo que regressou a Petrópolis e aqui retomou seus

⁵ SÁ EARP, NEY AFFONSO DE. *Love and transcendent knowledge: a critical study of chapter XIX of Insight in the light of Lonergan's later ideas about love and natural theology. Excerpta ex dissertatione ad doctoratum in Facultate Philosophiae Pontificiae Universitatis Gregoriana*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1983.

⁶ Palavra digitada, provavelmente, por engano.

trabalhos. No Rio fora Professor da Pontifícia Universidade Católica, da Universidade Santa Úrsula, da Faculdade João Paulo II e da Escola Mater Ecclesiae. Foi até à morte membro da Comissão Arquidiocesana para a Doutrina da Fé e da Comissão Teológica da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Mas a grande marca do sacerdócio de Mons. Ney foram seus estudos e empenho pastoral em defesa da vida. De seu pai, médico de grande projeção em Petrópolis e profundamente sintonizado com a doutrina da Igreja a que sempre se mostrou fiel, herdou os conhecimentos que possuía sobre aspectos científicos da transmissão da vida. E a Teologia, sempre cultivada com amor, orientava e dava sentido a seu apostolado predileto.

Foi o grande mentor e Coordenador do Movimento em Defesa da Vida na Arquidiocese do Rio de Janeiro, com ramificação nas Dioceses de Petrópolis, Niterói e ultimamente Nova Iguaçu. Ainda a 8 de setembro [de 1995], seis dias antes de sua edificante morte, redigia um relatório (talvez o último escrito de sua vida) sobre atividades do Movimento⁷

Não tenho notícias sobre o destino que teve esse relatório, que certamente enriqueceria o presente trabalho.

Sobre o início do Movimento em Defesa da Vida, assim relata Sra. Maria Pia Torres Guimarães, grande amiga de Mons. Ney, em um artigo escrito em 1996:

Voltando ao Brasil, foi trabalhar no aconselhamento de casais e aí sentiu a necessidade de esclarecer e informar sobre o aborto.

Começou a reunir um grupo de médicos, preparando-os para este trabalho. Surge assim, em 1975, o Movimento em Defesa da Vida da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Participaram desse grupo inicial os Drs. Juarez de Oliveira, Dornival da Silva Brandão, Herbert Praxedes, João Evangelista dos Santos, Gastão Carvalho de Souza e também não médicos como o Dr. Nelson Prado (Engenheiro) e o Coronel Agostinho Borges (atualmente Brigadeiro na Reserva).

Cada um recebeu de Pé. Ney um conjunto de slides que trouxera de viagem Aos Estados Unidos, começando então o grupo a fazer palestras em colégios, igrejas, enfim, aonde fossem chamados.

O movimento do Rio de Janeiro está em permanente intercâmbio com o grupo americano do norte "Human Life International". Os seus dirigentes Pe. Marx e Pe. Salmon estiveram no Rio várias vezes fazendo conferências. Em Julho de 1989 trouxeram um grupo de resgatadores que visitaram várias paróquias divulgando o trabalho que faziam nos Estados Unidos. Em consequência iniciou-se no Rio o aconselhamento em portas de Clínicas de aborto.

Desde então, ininterruptamente sempre aos sábados, grupos de no mínimo 06 (seis) pessoas fazem plantão diante dos abortórios rezando e aconselhando. As mulheres que são

⁷ SÁ EARP, NEY AFFONSO DE. *Ação*. Petrópolis, Diocese de Petrópolis, ano 46, n. 525, pp. 16-17, out. 1995.

*demovidas do propósito de abortar recebem em casa visitas de acompanhamento que de 1994 para cá chegam a cerca de 300.*⁸

Em 1985 formei-me em Engenharia Eletrônica pela UFRJ. Em 1986 estava entrando no Seminário São José, da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Os seminaristas tinham aula na Faculdade de Filosofia João Paulo II.

Tão logo entrei, no 1º semestre de 1986, Mons. Ney Sá Earp lecionava "Introdução ao Tomismo" para a turma do 2º ano. No 2º semestre de 1986, eu teria a alegria de cursar com ele a disciplina "Filosofia da Religião".

Percebi que Mons. Ney era muito mais do que um repetidor de fórmulas e um aplicador de provas. Seu pensamento era profundo. Em suas aulas, tentava fazer-nos raciocinar, compreendendo primeiramente o problema, caminhando em direção a uma solução e respondendo a todas as objeções.

Dominava não apenas o latim e o grego, mas também o inglês, o francês, o italiano o alemão... [Para meu consolo, certa vez ele me revelou que não sabia hebraico, pois fizera apenas um curso de seis meses]

Mas o que mais causava admiração não era a extensão de sua cultura, mas a agudeza do seu raciocínio. "Ele é o nosso melhor professor de Filosofia" - dizia eu.

Tão grande era o meu fascínio, que eu muitas vezes passava a aula fazendo perguntas. Às vezes a aula se tornava um diálogo entre mim e ele (o que poderia não ser agradável para o restante da turma).

Percebi que a Filosofia era algo de profundo. Mais profundo que a Matemática, que eu tanto admirava desde criança.

Mons. Ney dizia que São Tomás de Aquino tinha um pensamento original. E tal originalidade deixava-me curioso. A Faculdade ensinava a filosofia tomista, mas nem todos os professores colocavam S. Tomás no pedestal em que o colocava Mons. Ney.

Há tomistas que, embora valorizem S. Tomás, dizem que ele apenas cristianizou ou "batizou" o pensamento de Aristóteles. O tomismo seria uma reedição da filosofia aristotélica, adaptada ao Cristianismo. A Aristóteles, porém, caberia o maior mérito: o de ter formulado as noções de matéria e forma, potência e ato, substância e acidentes, que acabaram sendo incorporados ao patrimônio filosófico da humanidade.

De maneira alguma, Mons. Ney pensava assim. Embora reconhecesse a genialidade de Platão e de Aristóteles, dizia que a teoria do SER ("esse") com puro ato, auto-suficiente, real por si mesmo só se encontrava em dois autores: o pré-socrático Parmênides e S. Tomás de Aquino (!).

⁸ GUIMARÃES, MARIA PIA TORRES. *Mons. Ney Affonso de Sá Earp. A Ordem*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, v. 86, pp. 158-159, 1996.

Aristóteles, ainda que demonstrando a existência do Primeiro Motor tinha "uma filosofia tendencialmente atéia" (frase esta que me impressionou muito).

Após um esboço histórico da Filosofia da Religião, Mons. Ney ousou dar sua própria contribuição ao tema com uma nova demonstração da existência de Deus (uma espécie de "sexta via"). Tal via partia, não das coisas criadas ao Deus criador (como as "cinco vias") mas, estranhamente, partia do mal, da privação de um bem, para chegar até o Ser Subsistente.

A DEMONSTRAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS (a "sexta via", de Mons. Ney).

Do ponto de vista dos ENTES, o mal não seria um problema. Mas do ponto de vista do SER (como "*esse*"), puro ato, auto-suficiente, absolutamente universal e completamente inteligível, o mal em geral não é apenas um fato bruto que bloqueia e escandaliza a inteligência, mas constitui um autêntico PROBLEMA que desafia a razão.

Tal problema exige uma solução. A solução pode ser:

- a Justiça => se o fato do mal permanece, mas muda de significado e torna-se punição;

- a Restauração ou Reparação ou Salvação => se o mal é eliminado.

No primeiro caso, o mal deixaria de ser uma ausência indevida de perfeição para tornar-se uma ausência DEVIDA de perfeição.

No segundo caso, o mal deixaria de haver, pois a ausência se transformaria em presença.

No primeiro caso (Justiça) há a necessidade de um Juiz.

No segundo caso (Salvação) há a necessidade de um Salvador.

Tal Juiz universal ou Salvador universal é Deus.

Deste modo, Mons. Ney provava através da ocorrência do mal, que deveria existir Deus.

Demonstrada a existência de Deus, a religião é agora apontada como a solução divina do problema do mal.

Neste ponto, ele se distanciava do mestre Lonergan. Para este, o mal só constituía problema *depois de demonstrada a existência de Deus*. Provado que Deus existe e constatado o fato de que o mal existe, a religião emergia como uma solução divina para o mal. A filosofia da religião para Lonergan seria o estudo das características desta solução proposta por Deus para as criaturas perdidas.

Para Mons. Ney, a ausência de participação metafísica devida do ser (*esse*) já constitui em si um problema, antes mesmo de se demonstrar a

existência do Ser Subsistente. Aliás, tal lacuna (o mal) serve para demonstrar que Deus existe.

Percebe-se como Mons. Ney sabia pensar e levava-nos a pensar. Seu pensamento era fecundo e profundo.

Dizia ele que o tomismo inicial e autêntico ficara estagnado. S. Tomás não teria sido compreendido pelos seus contemporâneos nem pelos seus pósteros.

A MONTANHA.

Certa vez, ainda durante o curso de Filosofia da Religião (segundo semestre de 1986), Mons. Ney levou a nós, seus alunos, ao antigo CONPEFIL (Conjunto de Pesquisas Filosóficas), um centro de estudos que funcionava na Gávea, como anexo da PUC-RJ, e fez-nos a seguinte pergunta:

“Se alguém se perdesse numa ilha e desejasse verificar se há outra ilha (ou um continente) por perto, que deveria fazer? Subir ao ponto mais alto da ilha. Do topo da montanha, seria possível, muito melhor do que ao nível do mar, avistar os possíveis vizinhos. Ter-se-ia uma visão de conjunto da realidade. Agora vem uma afirmação: São Tomás chegou a esse topo da montanha. Conseguiu enxergar o que nem seus antecessores nem seus seguidores enxergaram. No entanto, os outros filósofos não devem ser rejeitados. Em Metafísica, São Tomás supera a todos, tanto os de antes quanto os de depois, mas em outros ramos vários filósofos deram sua contribuição. Por exemplo: suponhamos que alguém, na tentativa de chegar ao topo da montanha, viesse a se perder. Mas, ao se perder, descobrisse no meio da mata um lago, que não era possível ser avistado do topo.”

Assim, Mons. Ney valorizava a contribuição de vários outros filósofos.

Descartes, Kant, Santo Agostinho não deveriam ser descartados. Mas a primazia da Metafísica cabia a São Tomás de Aquino.

A ANSIEDADE.

O leitor já deve estar imaginando com que ansiedade eu fiquei por descobrir o genuíno pensamento de São Tomás de Aquino. Qual seria? Isso eu esperava aprender no ano seguinte, no primeiro semestre de 1987, no curso de "Introdução ao Tomismo". No entanto, houve um obstáculo... Mas isso é assunto para depois.

A ANOTAÇÃO DAS AULAS.

A letra manuscrita de Mons. Ney era muito pequena, sinal da meticulosidade do seu pensamento. A aula era bem ordenada, ponto por ponto. Certa vez, ele elaborou um grande diagrama fazendo um paralelo entre o tomismo original e o agostinismo avicenziano em diversos pontos (teoria do conhecimento, metafísica...) e seu desenrolar na história.

No bolso de sua camisa clerical havia sempre um pequeno gravador, que ele às vezes desligava quando julgava que o assunto não era importante. No entanto, não sei se ele teve tempo para passar para o papel o que falava em aula. Mas ele tinha consciência da nossa capacidade de esquecimento. Certa vez ele contou uma anedota de alguém que perguntou a um matemático (?) sobre uma fórmula, e este respondeu: “Só quem sabia esta fórmula era Deus e eu. Agora que eu esqueci...”

Lembro-me que no fim do curso de Filosofia da Religião, Mons. Ney pediu a mim que copiasse num papel à parte e lhe entregasse o conteúdo de uma aula que ele havia dado (e que, certamente, não havia registrado): “Lodi, escreve para mim num papel a aula que eu dei”. Fiz conforme o ordenado.

O CURSO DE INTRODUÇÃO AO TOMISMO.

Ano novo, vida nova. Começou o ano de 1987, e eu me inscrevi na matéria “Introdução ao Tomismo”, lecionada pelo Mons. Ney Sá Earp. Finalmente, pensava eu, vou mergulhar no pensamento de São Tomás de Aquino.

Nas primeiras aulas, Mons. Ney falou sobre a exaltação recebida pela Igreja por S. Tomás. Leu o que disseram os Papas, sobretudo Leão XIII na encíclica “*Aeterni Patris*” recomendando que os seminaristas estudassem o autor a partir de suas fontes, ou a partir dos rios que conservassem a limpidez das fontes. Mas que afastassem as almas dos jovens das águas turvas:

“Para evitar, porém, que se aceite como verdadeiro o que é apenas hipotético, e que se beba como água pura o que não é, providenciai para que a sabedoria de Tomás se colha em seus próprios mananciais ou ao menos nos arroios que, saindo do próprio manancial, correm todavia claros e límpidos conforme o testemunho dos doutores. Dos arroios que se dizem derivar do manancial, mas que estão na realidade cheios de águas estagnadas e insalubres, afastai, com muito cuidado, o espírito dos jovens” (o grifo não é do original)⁹.

⁹ LEÃO XIII. *Aeterni Patris*: n. 33.

Com simplicidade, Mons. Ney costumava juntar-se a nós, seminaristas e almoçar em nosso refeitório. Esta era uma ocasião de haurir sua sabedoria durante suas frugais refeições. Certa vez perguntei:

- O senhor já leu a Suma Teológica toda?
- Não. Aprendi através de manuais.

E depois acrescentou, com um sorriso característico: “Quase ninguém cumpriu a ordem de Leão XIII” (de estudar S. Tomás em suas fontes).

- Quanto tempo se levaria para ler a Suma toda? – perguntei.
- São três mil artigos. Lendo um por dia...
- Se lêssemos uma questão por dia?

- Uma questão é muita coisa. No máximo, dois artigos por dia, para digerir bem.

Se Mons. Ney digeriria o ensinamento de S. Tomás com tanto cuidado com que cuidava para digerir a comida, certamente fazia uma ótima digestão. Sempre comia pouco e bem devagar.

Uma vez, no refeitório, ele dizia com toda a humildade (não me lembro em resposta a quê): “Eu só tenho dois títulos: bacharel em teologia e doutor e filosofia”.

Perguntei-lhe em outra ocasião:

- O senhor já escreveu livros?
- Só artigos.

De fato, com exceção de sua tese de doutorado sobre um único capítulo de uma obra *Insight* de Lonergan, nenhum outro livro ele chegou a publicar. Deixou-nos artigos de revistas, palestras, esboços de apostilas... nada mais.

SÃO TOMÁS ADIANTE DE SEU TEMPO.

No curso de Filosofia da Religião (2º semestre/1986), Mons. Ney dissera que São Tomás, antecipando-se a Kant — que negava à religião qualquer espaço para o culto, reduzindo-a à simples conduta honesta — já havia questionado “*se a religião é o mesmo que a santidade?*” (Suma Teológica, II-II, q. 81, a. 8). Em resposta, dissera que a religião racionalmente se difere da santidade, enquanto diz respeito ao *culto* a Deus, à oferta de sacrifícios.

No ano seguinte (1º semestre/1987), no curso de Introdução ao Tomismo, Mons. Ney mostrava como São Tomás, antecipando-se à Freud, tinha colocado na Suma Teológica uma questão estranha: “*se a virgindade é ilícita?*” (II-IIº, q. 152, a. 2).

O ABORTO “LEGAL”.

Mas algo que foi providencial naquele início de 1987 foi um esclarecimento “casual” (ou seja, providencial) que Mons. Ney fez sobre a legislação brasileira no que diz respeito ao aborto.

Pela primeira vez na vida, ouvi alguém dizer que não havia aborto legal no Brasil. Explicou ele que o Código Penal, em seu artigo 128 dizia que “não se pune” o aborto em dois casos: (I) quando não há outro meio para salvar a vida da gestante e (II) quando a gravidez resulta de estupro.

No entanto, alertava ele que, já naquela época, havia o desejo de se mudar a redação “*não se pune*” para “*não constitui crime*”.

De acordo com a legislação vigente, dizia ele, não seria punido quem houvesse praticado um aborto quando a gravidez resultasse de um estupro.

“Mas ninguém poderia abrir uma clínica para fazer aborto apenas em mulheres vítimas de estupro” — disse ele profeticamente. Pois não ser punido era bem diferente de ser permitido.

Pergunto agora: que teria sido de mim se eu não tivesse assistido a essa aula? Talvez nunca viesse a saber que não há aborto “legal” no Brasil. Enganado pela imprensa, eu pensaria que a legislação brasileira “permitia” o aborto em dois casos.

Se anos depois não me deixei enganar, foi por que, graças a Deus, tinha sido advertido por Mons. Ney.

INTERRUPÇÃO DO CURSO DE INTRODUÇÃO AO TOMISMO.

Certa vez, aparece inesperadamente Dom Estêvão Bettencourt, OSB, diretor executivo da Faculdade de Filosofia João Paulo II, falando a nós, alunos, na aula de Mons. Ney. Explica-nos que nosso professor ficara doente (de pneumonia, talvez... não me lembro ao certo) e que não poderia concluir o curso que iniciara. Para que o curso não ficasse sem nota, foi-nos dada a tarefa de fazer um trabalho sobre a vida e as obras de S. Tomás de Aquino.

Para minha decepção, fiquei sem as aulas de Introdução ao Tomismo.

Antes, porém, de ir embora, Mons. Ney disse que, se tivesse condições, explicar-nos-ia o que há de diferente no pensamento de São Tomás de Aquino.

Escreveu ele na lousa, que São Tomás tinha um pensamento original,
diferente de Platão,
diferente de Aristóteles,
diferente de Santo Agostinho,
diferente de Kant,

diferente de *etc etc* e tal (Nota: este "e tal" foi escrito assim mesmo na lousa).

No entanto, o conhecimento dessa originalidade de S. Tomás ficaria para depois... depois... depois...

Quando? Fiquei frustrado.

UMA NOVA CHANCE...

Não me lembro ao certo quando (talvez no segundo semestre de 1987) que recebi de Mons. Ney a magnífica notícia de que ele daria um curso de Metafísica (isso mesmo!) aos sábados no CONPEFIL! Finalmente eu poderia saborear a Filosofia de São Tomás de Aquino!

Nada feito. Novamente Mons. Ney teve uma crise de saúde e o curso foi pelos ares.

MONS. NEY NO CONGRESSO DE BIOÉTICA DO SUMARÉ.

Em 1988 eu estava cursando a Teologia. De 29 de julho a 2 de agosto houve no Centro de Estudos e Formação¹⁰ do Morro do Sumaré o *19º Colóquio Filosófico Internacional - Questões Atuais de Bioética* - convocado pelo Pe. Stanislavs Ladusans, meu grande professor de Filosofia, diretor do CONPEFIL.

Mons. Ney participou como palestrante. No dia 1º de agosto de 1988, deu a palestra "*Os equívocos da hominização*", que revela a agudeza de seu raciocínio, a arte de desmascarar sofismas e a desenvoltura com que discorria sobre temas como embriologia..

Na época, Pe. Ladusans presenteou Mons. Ney com sua integração à ACIF (Associação Católica Interamericana de Filosofia). Lembro-me de ter estado à mesa com os dois no refeitório. Mons. Ney insistia que fossem publicadas logo todas as palestras do congresso. Pe. Ladusans interrogava como estava a saúde de Mons. Ney (abalada, como sempre).

O evento foi muito importante. Foi lá que eu conheci Mons. Elio Sgreccia, Pe. Ângelo Serra (grandes membros da *Pontifícia Academia para a Vida*) e pitorescamente conheci também Sr. Humberto Leal Vieira, que na época ainda não era membro da mesma Academia, mas trabalhava como assessor legislativo em Brasília.

¹⁰ Estrada do Sumaré, 670. Rio de Janeiro – RJ. O evento foi organizado pelo CONPEFIL e pela ACIF (leia-se Pe. Stanislavs Ladusans) sob o patrocínio da PUC/RJ.

Eu era um simples seminarista e estava perdido colocado na recepção do evento. Não sabia o que responder às perguntas de tanta gente importante que chegava, do Brasil e do exterior.

Certa vez chegou uma pessoa da qual eu já havia ouvido falar, mas ainda não conhecera pessoalmente. Ela se apresentou e perguntou:

“Eu pertenço ao Movimento em Defesa da Vida. Poderia informar-me onde há toalete feminino?”

Espero que tenha dado a informação correta. Era Elizabeth Regina dos Santos Sá, conhecida como “Beth Sorriso”, grande batalhadora ao lado do Mons. Ney.

Lembro-me que, na parede de vidro da sala de palestras, Mons. Ney fez questão de fixar um cartaz horrendo, de uma criança abortada. Quantos hoje nos censuram quando fazemos coisa semelhante... Mas ele não hesitava em mostrar o aborto tal como é, a fim de que todos compreendessem a gravidade do assunto.

Na época, Dom Estêvão Bettencourt fez uma palestra, explicando de maneira sucinta o recém-inventado método GIFT, de procriação assistida. O método tinha aparência de ser moralmente aceitável – pois procurava não dissociar o ato unitivo do ato procriativo - e o magistério da Igreja não se havia pronunciado. No entanto, Mons. Ney levantou-se contra. Mesmo sem entrar em minúcias sobre a moralidade do ato, ele argüiu que tal método consistia numa tentativa desesperada de “fazer um filho” a todo custo, esquecendo-se do princípio cristão da cruz, que todos nós devemos carregar (referindo-se, no caso, à cruz da esterilidade). Depois, Pe. Ladusans lhe disse em particular que concordava com ele.

Também foi nesse congresso que Mons. Ney, visivelmente perturbado, falou sobre um filme blasfemo que estava para ser exibido no Brasil: “A última tentação de Cristo”.

O Congresso foi muito bom, embora, como recepcionista, eu não tenha participado de todas as palestras.

Mons. Ney, como sempre, estava com a saúde enfraquecida.

DIANTE DO CINEMA...

Engana-se quem acha que a índole altamente especulativa de Mons. Ney o tornasse “alienado” da realidade. Mais do que ninguém, ele se indignou com o filme “A última tentação de Jesus”. Elaborou um manifesto - “De cristãos para cristãos” – para ser distribuído na porta dos cinemas. Não conservei esse panfleto, mas lembro-me de uma passagem em que pedia a

Deus perdão por aqueles “dos quais nem se pode dizer que não sabem o que fazem” (sic).

Enquanto o filme era exibido em um dos cinemas do Rio de Janeiro, em novembro de 1988, paramentou-se e fez uma pregação pública de desagravo a Nosso Senhor. Eu estava lá junto com vários outros que se tornariam grandes pró-vida do Rio de Janeiro.

Como é comum que hoje em dia os sacerdotes em nome da “prudência”, deixem de defender Nosso Senhor Jesus Cristo... Como são “prudentes” os que hoje se omitem...

EM ANÁPOLIS...

Em 1989 transferi-me para a Diocese de Anápolis, onde continuei (e terminei) minha formação sacerdotal. Os professores do chamado “*Institutum Sapientiae*” eram bons, mas eu continuava ansiando pelo dia em que poderia receber aulas de Mons. Ney.

Tive uma idéia! Escrevi para ele a fim de receber aula por correspondência. E, para que ele não perdesse muito tempo escrevendo, enviei-lhe uma fita cassete. Assim, ele poderia gravar a aula e eu a ouviria a centenas de quilômetros de distância.

Não funcionou. Não recebi resposta. Compreendo o motivo. Mons. Ney havia mergulhado de tal forma no Movimento em Defesa da Vida, que não lhe restava tempo para quase nada. E a (falta de) saúde não era nada boa...

UMA BOA NOTÍCIA!

Em junho (creio) de 1989, meu bispo Dom Manoel Pestana anuncia que Elizabeth Regina dos Santos Sá (“Beth Sorriso”) está em Anápolis. Ela viera, juntamente com Mons. Ney à Diocese, acompanhada de Pe. Paul Marx (fundador da Human Life International) e de três jovens pró-vida norte-americanas, entre elas a famosíssima Joan Andrews Bell, que já havia sido presa cerca de 100 vezes nas operações resgate em frente às clínicas de aborto.

Dom Pestana aproveitou a ocasião para fundar o Pró-Vida de Anápolis e para lançar a pedra fundamental em um terreno que destinara para ser a sede da (futura) instituição. Na pedra foi colada uma etiqueta com os dizeres:

Pedra Fundamental da Sede PRÓ-VIDA

BENTA DIA 03.07.1989

“Bendito o fruto do vosso ventre”

Em julho de 1989 estou no Rio de Janeiro de férias, na casa de meus pais, na Ilha do Governador. Novamente encontrei Mons. Ney com as três jovens dando testemunho na Igreja São José Operário (Bairro Guarabu) da Ilha do Governador. No mesmo dia, eles haviam feito uma “operação resgate” (bloqueio pacífico) em uma das clínicas clandestinas do Rio de Janeiro. Lembro-me de Mons. Ney dizer que já era hora de ir para a porta dos abortórios do Brasil (à semelhança do que se fazia nos Estados Unidos). Creio que foi a partir dessa data que se iniciou no Rio de Janeiro o trabalho de aconselhamento e resgate em portas de clínica.

UM RETIRO DE CARNAVAL.

Nos dias 9 a 12 de fevereiro de 1991, Mons. Ney pregou um dos retiros de Carnaval para os membros do Movimento em Defesa da Vida. Eu estava no Rio, na casa de meus pais, e aproveitei a ocasião para participar. As pregações de Mons. Ney foram muito boas. Fez a Via Sacra dos Inocentes, em que uma criança, condenada à morte antes de nascer, percorre diversas estações, comparadas às que Jesus percorreu subindo o Calvário. Quando lhe perguntei sobre o curso de Metafísica que eu tanto desejava, ele respondeu: “O trabalho pró-vida não me deixa tempo para nada...” De fato, ao término do retiro, ele marcou uma reunião às seis horas da manhã (ou mais cedo) na entrada de certa clínica de aborto para um trabalho de aconselhamento.

Naquele retiro, eu percebi a vastidão do trabalho que estava sendo feito por Mons. Ney e sua equipe. Eles mapeavam as clínicas do Rio de Janeiro em um diagrama onde havia informações sobre o horário de funcionamento de cada uma. Os “resgatadores” (assim os chamava Mons. Ney) faziam um trabalho de coleta de informações. Entravam no saguão da clínica de aborto e sentavam-se, ouvindo o diálogo entre quem chegava e quem atendia. Se alguém da clínica lhes perguntasse o que estavam fazendo, eles de modo algum podiam mentir. Diziam: “Estamos esperando a Angla”. Se não me engano, Angla era o nome dado para um anjo da guarda. Vê-se quão delicada era a consciência de Mons. Ney, que não admitia jamais a mentira, um meio tão usual quando se deseja infiltrar em um ambiente e obter informações.

Mas... e o curso de Metafísica???

Ficou para depois. Mas isso é história de outro capítulo.

Em 1992, mais precisamente em 31 de maio, eu era ordenado sacerdote na Catedral do Bom Jesus em Anápolis, pelas mãos de Dom Manoel Pestana Filho, bispo diocesano.

Uma curiosidade: era a festa da visitação de Nossa Senhora, justamente a festa do encontro entre duas gestantes: Maria Santíssima e Santa Isabel.

Na época, eu não imaginava que algum dia fosse-me engajar totalmente no movimento pró-vida.

Uma vez sacerdote, o Bispo enviou-me para a cidade de Goianópolis, célebre pela produção de tomate, onde fiquei por três anos.

Em 1995, estava em Goianópolis quando providencialmente recebi uma carta-convite de Dr. Humberto Leal Vieira para a “I Reunião Nacional de Dirigentes Pró-Vida”, a realizar-se em Brasília, de 5 a 8 de agosto de 1995.

A lembrança do trabalho de Mons. Ney despertou em mim o desejo de participar do evento. Desejava atualizar meus conhecimentos sobre o assunto. Preenchi minha ficha de inscrição e fui até lá, embora não fosse líder de nenhum movimento pró-vida.

Em Brasília, encontrei-me com Elizabeth Regina dos Santos Sá.

E o Mons. Ney?

Beth explicou-me que estava acamado, com hepatite C, e por isso não viera ao encontro.

Vale lembrar que não foi um encontro qualquer. Estiveram presentes autoridades internacionais da *Human Life International* e praticamente todas as lideranças de movimentos pró-vida do Brasil.

Pude perceber quão poderosas e organizadas eram as forças da cultura da morte.

FÉRIAS FORÇADAS.

Vários paroquianos começaram a ir ao Bispo preocupados com os sinais de cansaço que eu estava dando. Dom Manoel, em uma visita-relâmpago a Goianópolis, condenou-me a férias forçadas de no mínimo um mês.

Refugiei-me no mosteiro dos Frades Franciscanos da Imaculada.

Lá, lembrei-me de escrever a Mons. Ney pedindo (reconheço que sou insistente) que me ensinasse a tão suspirada Metafísica de S. Tomás.

Mas eu não sabia que a doença de Mons. Ney seria fatal.

A MORTE.

No dia 13 de setembro de 1995, festa da exaltação da Santa Cruz, ele partiria para a outra vida.

Elizabeth transcreveu no boletim “Deixe-me viver” as últimas palavras do Monsenhor:

“Deus Pai é infinitamente bom.

E Seu Filho deu Seu Sangue e Sua Vida por nós.

Podemos e devemos corresponder, mediante a graça do Espírito Santo, a ajuda da Virgem Maria e de toda a Igreja.

Senão, vamos nos desencontrar na eternidade.

Salvem muitos bebês e muitos pobres.

Façam celebrar muitas Missas por papai e por mim.

Obrigado a todos, especialmente a mamãe.

Vou alegre.

Deus me perdoe e perdoem todos todo mal que cometi, sabendo ou Ignorando”.

O PAVOR.

Notei que a legalização do aborto era iminente. No Encontro, conhecera Francisco Carlos Maciel, um grande pró-vida que morava em Belo Horizonte, e estava fazendo um belíssimo trabalho de *lobby* pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional 25A/95 (do deputado Severino Cavalcanti), que pretendia incluir no art. 5º da Constituição Federal as sagradas palavras “desde a concepção” logo após a “inviolabilidade do direito à vida”. No entanto, fiquei apavorado quando no dia 23 de abril de 1996 a proposta foi a plenário e foi derrotada por 355 votos “não” contra 32 votos “sim”, 16 abstenções e 121 ausências.

E enquanto isso, o perigosíssimo Projeto de Lei 20/91, dos deputados Eduardo Jorge (PT/SP) e Sandra Starling (PT/MG) - que obrigava o SUS a praticar aborto em dois casos - estava para ser votado e aprovado facilmente.

Foi então que me senti compelido a prosseguir com o trabalho de Mons. Ney (certamente com a intercessão dele junto ao Senhor da Vida). Em 1997 o Pró-Vida de Anápolis seria registrado em cartório, com as bênçãos de Dom Manoel Pestana.

A CAUSA DE BEATIFICAÇÃO DE MONS. NEY.

No dia 22 de agosto de 1999, estive no Rio de Janeiro para comemorar o 10º aniversário do trabalho de aconselhamento de gestantes nas ruas feito pelo Movimento Arquidiocesano em Defesa da Vida. Na época, as duas jovens da família Earp, Cecília e Gabriela, compareceram. Uma delas

(não me lembro qual) disse que a *Human Life International* havia resolvido iniciar o processo de beatificação “do Ney” (em linguagem familiar).

Disse então que qualquer informação útil poderia ser enviada para earp@npoint.com.br

SANTO OU DOUTOR DA IGREJA?

Naquele dia, ao anoitecer, fiz uma palestra de homenagem ao Mons. Ney.

Disse aos ouvintes que meu ex-professor apenas me fizera ansiar pela filosofia de São Tomás de Aquino, mas que nunca eu pudera saboreá-la.

O processo de beatificação tem por fim declarar com segurança que uma pessoa goza da visão beatífica. Oportunamente Mons. Ney poderá ser declarado beato (ou bem-aventurado) e, em seguida, santo.

No entanto, nada impede que ele também receba (por que não?) o título de "doutor da Igreja".

Será que com sua morte, toda a originalidade e fecundidade de seu pensamento seriam sepultadas?

Não haveria ninguém para preservá-las?

Disse meu pai uma sábia frase: "Não há herói sem um poeta que o cante".

É preciso descobrir o tesouro do pensamento de Mons. Ney e depois "cantá-lo" para que o mundo ouça...

A EXPECTATIVA...

“A história é feita de novidades. O resto é repetição”.

Esta frase de Mons. Ney, dita em uma aula, referia-se à originalidade do pensamento de S. Tomás, que, segundo ele, ultrapassava a de seus antepassados e de seus pósteros (quanto à Metafísica, é claro) e inclusive não fora compreendida por chamados neotomistas como Jacques Maritain! Qual seria essa originalidade?